

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA

VALERIA MESQUITA LAZARO CHAVES

SUPERANDO DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA
PSICOPEDAGOGIA: UM ESTUDO DE CASO

ANÁPOLIS - GO

2018

VALERIA MESQUITA LAZARO CHAVES

SUPERANDO DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA
PSICOPEDAGOGIA: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para a obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Kênia Ribeiro da Silva Hidalgo.

ANÁPOLIS - GO

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

VALERIA MESQUITA LAZARO CHAVES

SUPERANDO DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA PSICOPEDAGOGIA: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para a obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Kênia Ribeiro da Silva Hidalgo.

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dr^a. Kênia Ribeiro da Silva Hidalgo

ORIENTADORA

Profa. Es. Aracely Loures Rangel

CONVIDADA

Profa. Ms. Sueli de Paula Pacheco

CONVIDADA

Profa. Esp. Ana Maria Vieira de Souza

CONVIDADA - PRESIDENTE DA BANCA

“Cremos em Deus, assim como cremos no sol. Não somente porque o vemos todos os dias, mas porque, através dele, enxergamos todas as outras coisas”.
(CS LEWIS)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar, a Deus, pela motivação e incentivo, sem a qual, não conseguiríamos concluir esta jornada de maravilhoso conhecimento e desenvolvimento pessoal.

A minha família, pai, mãe, esposo e filhos, por seu imenso apoio e investimento, pois, foram muitos os momentos sacrificados para a dedicação aos estudos, porque sempre foram unânimes em seu incentivo na continuidade desta caminhada.

Por fim, e tão importante quanto, a minha professora orientadora Dra. Kênia Ribeiro da Silva Hidalgo, pelos incontáveis momentos de ensino e dedicação, apoio e compreensão, paciência e confiança para desenvolver este trabalho com a firme convicção de que o conhecimento que adquirimos é o patrimônio maior que levamos ao final deste curso.

RESUMO

A psicopedagogia contemporânea enfrenta grandes desafios para colaborar com a escola no sentido de identificar as necessidades individuais de crianças e adultos que apresentam dificuldades de aprendizagem e assim auxiliarem estes alunos no desenvolvimento intelectual. O objetivo deste trabalho é apresentar as contribuições que a Psicopedagogia Clínica pode oferecer no diagnóstico referente as dificuldades de aprendizagem, bem como a intervenção e sua importância na superação destes obstáculos. Este projeto apresenta um estudo de caso de um menino de 9 anos de idade, que cursa a 3ª série do Ensino Fundamental, desenvolvido durante o estágio supervisionado. Para obter os dados necessários à pesquisa e realizar o diagnóstico psicopedagógico, fez-se o motivo da consulta, história vital com a mãe, entrevista com a professora e o educando, provas pedagógicas, testes projetivos, provas operatórias Piagentinas, hora do jogo e jogos diversos. Na conclusão buscamos compreender a hipótese diagnóstica, o plano de intervenção, a devolução do paciente, família e escola e, por fim, as considerações finais.

Palavras-chave: Diagnóstico, Dificuldade de Aprendizagem, Intervenção, Psicopedagogia Clínica.

ABSTRACT

A contemporary psychopedagogy faces great challenges to collaborate as a school, not to identify individual needs of children and adults who have difficulties in learning and assimilating some non-intellectual development. Or objective deste trabalho é apresentar as contrições that Psicopedagogia Clínica can offer non-diagnostic referring to the difficulties of learning, be as a intervention and its importance in overcoming obstacles. This project presents a case study of a 9-year-old man, who attends the 3rd series of Fundamental Education, developed during or supervised. To obtain the necessary data for research and psychopedagogical diagnosis, fez-se or reason for consultation, vital history as a mãe, interview with the educator, pedagogical proves, projectors, provas operative Piagentinas, jogo hora and various games. In conclusion we seek to comprehend a diagnostic hypothesis, or plan of intervention, to return patient, family and school, and for the consideration of the patients.

Keywords: Diagnosis, Dificuldade de Aprendizagem, Intervenção, Psicopedagogia Clínica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. REFERENCIAL TEÓRICO	11
1.1 O CONCEITO DE PSICOPEDAGOGIA	11
1.2 BREVE HISTÓRICO DA PSICOPEDAGOGIA	12
2. METODOLOGIA	16
2.1. LOCAL DE PESQUISA	17
2.2. TÉCNICAS UTILIZADAS	17
2.3. PROCEDIMENTOS	17
3. DIAGNÓSTICO	18
3.1. IDA À ESCOLA	18
3.2. ENTREVISTA COM A PROFESSORA	20
3.3. OBSERVAÇÃO DA CRIANÇA NA ESCOLA	21
3.3.1. Observação da criança na escola – sala de aula	21
3.3.2. Observação da criança na escola – fora da sala de aula	22
3.4. ANAMNESE	22
3.5. ENTREVISTA COM A CRIANÇA	25
3.6. A HORA DO JOGO	26
3.7. PROVAS OPERATÓRIAS PIAGETIANAS	27
3.8. PROVAS PROJETIVAS	27
3.8.1. Par Educativo	28
3.8.2. Família Educativa	29
3.8.3. Eu e Meus Companheiros	29
3.8.4. Quatro Momentos de Um Dia	30
3.9. PROVAS PEDAGÓGICAS	31
4. INFORME PSICOPEDAGÓGICO (Relatório Psicopedagogia)	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
7. ANEXOS	41

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de campo, mediante estudo de caso de paciente de 9 anos, com breves considerações sobre a Psicopedagogia, especialmente a Psicopedagogia Clínica e suas contribuições nos processos de intervenção para a superação de dificuldades de aprendizagem.

A Psicopedagogia Clínica visa à investigação das origens dos problemas de aprendizagem, sugerindo ações de intervenção que busquem a superação de dificuldades através da compreensão de seus elementos. A pesquisa de campo baseada no estudo de caso justifica-se pelas escolhas das questões levantadas na análise do caso proposto para o qual será de suma importância apresentar um estudo teórico bibliográfico para sua compreensão.

Neste caso em particular, esta pesquisa desenvolveu-se em estágio supervisionado realizado em Escola Municipal, mediante a análise das dificuldades de aprendizagem apresentadas pelo paciente aqui descrito. Estas dificuldades relatadas pela escola e família do paciente foram suficientes para a aplicação das ferramentas de diagnóstico, compreensão dos fatores e problemas do paciente, bem como, a sugestão de intervenção no processo pedagógico.

Quando se discute o tema dificuldade de aprendizagem muitos aspectos e questões podem estar envolvidos, estes aspectos normalmente estão relacionados ao comprometimento no desenvolvimento da pessoa para a realização determinadas atividades. Percebe-se que durante a fase de alfabetização são necessárias as crianças todo um conjunto apropriado de conceitos psicomotores para um desenvolvimento adequado, para por fim, alfabetizar-se.

Continuamente o que se determina por dificuldade de aprendizagem na realidade trata-se de dificuldade de ensino ou distúrbio de aprendizagem, que caracteriza-se pela perturbação de um processo que implica na aquisição, utilização ou habilidade para solução de problemas e conseqüente desenvolvimento do aluno. Cada pessoa percebe o seu desenvolvimento de forma diferente, conforme o seu processo de aprendizagem é estimulado.

Serão demonstrados através da apresentação dos relatórios de diagnósticos, os conceitos de avaliação progressiva de aprendizagem para o sujeito aprendente, quando observamos a passagem contínua de um estado de menos desenvolvimento para um estado de desenvolvimento superior, como descrito por

Piaget (1998), como “equilibração progressiva”. Esta progressão, promove uma maior qualidade e desenvolvimento significativo no seu conhecimento cognitivo.

Nossa intenção foi apresentar as inúmeras possibilidades sobre o diagnóstico e a intervenção da Psicopedagogia Clínica a partir de renomados autores, com o próprio Piaget, Celso Antunes e Nádya Bossa, que versam sobre as questões de aprendizagem discutidas neste trabalho.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 O CONCEITO DE PSICOPEDAGOGIA

O conceito de psicopedagogia para a maioria dos dicionários que significam o termo está na ciência que trata das dificuldades do sujeito aprendente a partir da psicologia e pedagogia. O Dicionário Aurélio a define como “aplicação da psicopedagogia experimental à pedagogia”, Houaiss entende como “a utilização pedagógica da psicologia”, o Dicionário Aulete trata como “o ramo da pedagogia voltado para a aplicação dos resultados da psicologia da aprendizagem a métodos e práticas pedagógicas”, e por fim, Michaelis como “aplicação de conhecimentos da psicologia às práticas educativas”.

A psicopedagogia para Bossa (2000, p.39) tem como objetivo o estudo da aprendizagem humana, como se desenvolve o aprender, suas variações e os fatores que implicam, como ocorrem as alterações na aprendizagem, sua prevenção e os modelos de tratamento. A autora, entende também, que a psicopedagogia analisa a partir do estudo as características da aprendizagem humana: a forma do aprender, como essa aprendizagem se desenvolve e quais fatores estão condicionados, como elaborar alterações no processo de aprendizagem, como discerni-las, como abordá-las e principalmente como se precaver (p.56).

Weiss (1991 apud BOSSA, 2011, p.30) expressa que a psicopedagogia visa melhorar as relações com a aprendizagem, assim como, a qualidade do desenvolvimento da aprendizagem de alunos e educadores.

Este desenvolvimento da psicopedagogia como ciência e área de estudos, tem tomado corpo, como proposto por Bossa (2000, p. 87) a partir da sistematização de suas teorias e práticas, definindo seu objeto de estudo, delimitando seu campo de atuação e recorrendo à Psicologia, Psicanálise, Linguística, Fonoaudiologia, Medicina e a Pedagogia.

Assim, diante do contexto apresentado pelas autoras citadas, entendemos que a psicopedagogia navega entre as disciplinas da psicologia e pedagogia, desenvolvendo seu corpo teórico e prático baseado no estudo do ser aprendente, enquanto educável, segundo a percepção de um diagnóstico de sua aprendizagem e a metodologia aplicada na construção do aprender.

1.2 BREVE HISTÓRICO DA PSICOPEDAGOGIA

Historicamente, segundo Bossa (2000, p.19), os primeiros passos da Psicopedagogia ocorrem na Europa, ainda no século XIX, notabilizada pela preocupação com as dificuldades de aprendizagem na área médica. Entendia-se na época que os comprometimentos na área escolar eram oriundos de causas orgânicas, pois se pesquisava as variantes que identificariam no aspecto físico os fatores determinantes das dificuldades do aprendente. Com isto, estabelecia-se um caráter orgânico da Psicopedagogia, através da junção de dois conhecimentos – Psicologia e a Pedagogia.

Este campo de estudo recebe também influências da Psicanálise, da Linguística, da Semiótica, da Neuropsicologia, da Psicofisiologia, da Filosofia humanista-existencial e da Medicina, Bossa (2000, p. 25). Esta integração das ciências está em fase de organização de um corpo teórico específico, segundo Kiguel (1993, p.24), objetivando uma compreensão composta do fenômeno de aprendizagem humana e seus padrões de evolução.

Para as teóricas Silvana Martines e Silvia Felizardo (1994, p.5) a psicopedagogia está intimamente ligada a Psicologia Educacional, da qual uma parte aplicada à prática. Ela diferencia-se da Psicologia Escolar, também esta e uma subdisciplina da psicologia educacional, sob três aspectos:

Quanto à origem - a Psicologia Educacional surgiu para compreender as causas do fracasso de certas crianças no sistema escolar enquanto a Psicopedagogia surgiu para o tratamento de determinadas dificuldades de aprendizagem específicas.

Quanto à formação - Psicologia Educacional é uma especialização na área de psicologia, enquanto a Psicopedagogia é aberta a profissionais de diferentes áreas.

Quanto à atuação - a Psicologia Educacional é uma área propriamente psicológica enquanto a Psicopedagogia é uma área plenamente interdisciplinar, tanto psicológica como pedagógica. É uma ciência que estuda o processo de aprendizagem humana, sendo o seu objeto de estudo o ser em processo de construção do conhecimento e suas dificuldades, tem um caráter preventivo e terapêutico. Terapeuticamente a Psicopedagogia deve identificar analisar, planejar, intervir através das etapas de diagnóstico e tratamento.

Segundo Bossa (2000, p. 21), “a Psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, que adveio de uma demanda - o problema de aprendizagem, colocado num território pouco explorado, situado além dos limites da Psicologia e da própria Pedagogia.” Com isto, constituiu-se um caráter orgânico da Psicopedagogia.

De acordo com Bossa (2000, p.34), a crença de que os problemas de aprendizagem eram causados por fatores orgânicos perdurou por muitos anos e determinou a forma do tratamento dada a questão do fracasso escolar até bem recentemente.

Nas décadas de 40 a 60, na França, ação do pedagogo era vinculada a do médico. No ano de 1946, em Paris foi criado o primeiro centro psicopedagógico. O trabalho cooperativo entre médico e pedagogo era destinado a crianças com problemas escolares, ou de comportamento e eram definidas como aquelas que apresentavam doenças crônicas com diabetes, tuberculose, cegueira, surdez ou problemas motores. A denominação "Psicopedagógico" foi escolhida, em detrimento de "Médico Pedagógico", porque se acreditava que os pais enviariam seus filhos com mais facilidade. Em decorrência de novas descobertas científicas e movimentos sociais, a Psicopedagogia sofreu muitas influências, (apud Bossa 2010, p.42).

Segundo Perez (1998, p.43) em 1958, no Brasil surge o Serviço de Orientação Psicopedagógica da Escola Guatemala, na Guanabara (Escola Experimental do INEP - Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais do MEC). O objetivo era melhorar a relação professor aluno. Nas décadas de 50 e 60 a categoria profissional dos psicopedagogos organizou-se no país, com a divulgação da abordagem psico-neurológica do desenvolvimento humano. Atualmente novas abordagens teóricas sobre o desenvolvimento e a aprendizagem bem como inúmeras pesquisas sobre os fatores intra e extraescolares na determinação do fracasso escolar contribuíram para uma nova visão mais crítica e abrangente.

De acordo com Visca, (apud Bossa, 2000, p.39), a Psicopedagogia foi inicialmente uma ação subsidiada da Medicina e da Psicologia, perfilando-se posteriormente como um conhecimento independente e complementar, possuía de um objeto de estudo, denominado de processo de aprendizagem, e de recursos diagnósticos, corretores e preventivos próprios. Com esta visão de uma formação independente, porém complementar, destas duas áreas, o Brasil recebeu contribuições, para o desenvolvimento da área de Psicopedagogia de profissionais argentinos tais como: Sara Pain, Jacob Feldmann, Ana Maria Muniz, Jorge Visca, dentre outros. Temos o professor argentino Jorge Visca, como um dos maiores contribuintes da difusão Psicopedagógica no Brasil. Em 1980, iniciou as atividades da Associação Brasileira de Psicopedagogia para buscar melhoria na qualidade dos ensinamentos nas escolas privadas e públicas.

De acordo com Bossa (2000, p.73) o psicopedagogo é o profissional que auxilia na identificação e resolução dos processos de aprender. A psicopedagogia surgiu para entender a patologia da aprendizagem, suas causas, efeitos e resolução de problemas encontrados. Relata a autora que:

A Psicopedagogia refere-se a um saber e a um saber fazer, às condições subjetivas e relacionais – em especial familiares e escolares – às inibições, atrasos, desvios do sujeito ou grupo a ser diagnosticado. O conhecimento psicopedagógico não se cristaliza numa delimitação fixa, nem nos déficits e alterações subjetivas do aprender, mas avalia a possibilidade do sujeito, a disponibilidade afetiva de saber e fazer, reconhecendo que o saber é próprio do sujeito (p.127).

O psicopedagogo, segundo Bossa (p.17), necessita distinguir entre as possibilidades de aprender e o desejo de aprender. As possibilidades de aprender referem-se às condições físicas e psíquicas da criança, reconhecendo se o seu equipamento neurofisiológico básico tem condições ou não de efetuar uma boa aprendizagem (se houve a maturação no tempo certo). Existem momentos propícios nos quais o meio deve estimular a aquisição de funções cognitivas que serão pré-requisitos para a aprendizagem escolar.

O princípio fundamental da teoria de Piaget coloca o desenvolvimento normal da inteligência como uma sucessão estritamente invariável de fases, na qual o acesso à fase seguinte necessita da integração da fase precedente, sendo que qualquer perturbação acarreta consequências na fase seguinte, (apud Bossa 2007, p.17). A autora cita ainda que o desejo de aprender traduz-se em uma energia necessária ao bom funcionamento cognitivo. Fazendo uma analogia, sabemos que um automóvel só pode andar com motor e combustível. O motor, de acordo com a nossa analogia é o equivalente às possibilidades de aprender, ou seja, aos recursos cognitivos (p.20-21)

Segundo Piaget (1998, p. 52), a afetividade é concebida como intencionalidade, como pulsão de agir e fornece a energia necessária às funções cognitivas. A afetividade atribui um valor às atividades e regula a energia, ou seja, as atuações da criança frente ao mundo têm um sentido que as motivam. Em cada momento, a criança interage com a realidade externa construindo conhecimento, impulsionada por razões de ordem afetiva. Por exemplo, uma criança pode desejar aprender a ler porque agradaria seus pais. Assim, ela fez um superinvestimento

energético nas funções cognitivas envolvidas nesta aprendizagem. Os aspectos do mundo afetivo definiram a importância do trabalho intelectual.

2. METODOLOGIA

Quanto ao tipo, esta pesquisa caracteriza-se como exploratório-descritiva. Exploratório, segundo Gil (2002, p.41), por ter a finalidade de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, bem como formular problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis em estudos posteriores; é descritiva, segundo Almeida (1996), pelo fato de:

[...] em tal pesquisa, [os] dados [serem] registrados e analisados, sem interferência do pesquisador. [Nesta pesquisa] Procura-se descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, características, causas, relações com outros fatos. (p.104)

Quanto ao tratamento, este trabalho se classifica como qualitativo, em função dos questionários nele utilizados para o levantamento de dados, trabalhos e literaturas existentes que contribuiriam para a construção desta pesquisa, favorecendo o entendimento correto da formação continuada.

Alguns autores, como Richardson (1999, p.29) consideram que o método qualitativo estabelece uma relação entre a realidade com o objeto de estudo a partir da análise de dados, Silva e Menezes (2001, p.20) complementam dizendo que a pesquisa aplicada visa gerar os conhecimentos necessários para a aplicação prática, quando as questões de problemas específicos são levantados pelos questionários e entrevistas.

Em relação ao processo de pesquisa, este trabalho, também, classifica-se como bibliográfico e documental pois sua abordagem é sistematicamente uma revisão de literatura existente. Para Rodrigues (2007, p. 43), “a pesquisa bibliográfica é a pesquisa limitada à busca de informações em livros e outros meios de publicação”; e, segundo o mesmo autor (2007, p. 42), pesquisa de campo “é aquela que busca fontes primárias, no mundo dos acontecimentos não provocados nem controlados pelo pesquisador, que se caracteriza por desenrolar-se em um ambiente natural”.

A revisão bibliográfica desta pesquisa se divide em fontes primárias, tais como a literatura existente sobre o assunto, e também de fontes secundárias, por exemplo, textos e artigos de trabalhos afins ao tema pesquisado.

A pesquisa buscou a obtenção de dados que permitissem uma análise mais reflexiva sobre o tema, que segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 83), constituem uma das características deste tipo de pesquisa, quando o pesquisador explora

tecnicamente estudos já realizados por autores anteriores. Objetivando a coleta de dados e/ou conhecimentos sobre o problema que se pretende explorar, buscando uma resposta, ou hipótese dela, seja para comprovação, ou simplesmente para delinear o problema.

2.1 LOCAL DE PESQUISA

A pesquisa ocorreu em uma Escola Municipal situada na cidade de Anápolis, adequadamente estruturada para o fim a que se destina. Todas as suas dependências apresentam condições adequadas de localização, acesso, segurança, conservação, salubridade, higiene, e outras características que possibilitam acessibilidade aos alunos matriculados.

2.2 TÉCNICA UTILIZADAS

É fundamental a aplicação correta das técnicas de análise para um diagnóstico correto, pois possibilita uma equilibrada compreensão dos problemas apresentados pelo aprendente. Segundo Weiss (2004, p.103) é uma complementação que funciona com situações estimuladoras que provocam reações variadas, às vezes intensas, em pouco espaço de tempo.

A realização do presente diagnóstico psicopedagógico clínico, utilizou-se da pesquisa bibliográfica e a de campo para apresentar o estudo de caso.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram: Anamnese, Entrevista com a criança, Provas Projetivas, Provas Pedagógicas, Provas Operatórias Piagetianas, Hora do Jogo, Jogos diversos.

2.3 PROCEDIMENTOS

A pesquisa de campo foi de fundamental importância, para a realização do diagnóstico psicopedagógico clínico, pois propiciou a coleta de dados por meio de entrevistas e da observação do ambiente escolar. A anamnese contribuiu significativamente para a pesquisa, pois, permitiu-se uma análise mais detalhada da vida do aprendente e assim um levantamento da hipótese que norteia o estudo de caso.

Iniciamos a pesquisa pela visita à Escola e a observação do ambiente de aprendizagem, tendo um primeiro contato com a coordenadora pedagógica para alinhar os procedimentos que seriam necessários para a execução deste trabalho. Iniciamos a coleta de dados com a entrevista com a professora e a observação da criança no ambiente escolar, logo em seguida procedemos a Entrevista com a criança, que tem por objetivos investigar o perfil pedagógico do aprendente.

Segundo Fernandez (1991, p.23), ao analisar a queixa, o psicopedagogo formulará hipóteses relevantes que permitirá a formulação de suposições da causa de problema para poder traçar um plano investigativo mais aprofundado que permita anunciar com segurança o diagnóstico clínico.

Em complemento, para a confirmação ou não da queixa manifesta e velada, são aplicadas as Provas Projetivas, e as Provas Pedagógicas, Provas Operatórias Piagetianas, Hora do Jogo, Jogos diversos.

3. DIAGNÓSTICO

O diagnóstico é um procedimento que visa recolher, tratar, analisar e dar a conhecer informação pertinente, de forma a possibilitar a caracterização mais rigorosa possível de uma área geográfica ou organização, permitindo que se tracem objetivos e metas a alcançar em função da informação recolhida. Designado por vezes também como “análise de necessidades, é sempre definido como a identificação dos níveis de não correspondência entre o que está (a situação presente) e o que “deveria estar” (a situação desejada).” (MTS/SEEF, 1999, p. 6.3).

O diagnóstico, portanto, será o conjunto de técnicas utilizadas para analisar os dados sobre o paciente, L.F.S.A. de 9 anos que cursa o 3º ano do Ensino Fundamental em uma Escola do município de Anápolis, no estado de Goiás.

Todo procedimento de diagnóstico psicopedagógico é, em si, uma investigação, uma pesquisa do que não está bem com o sujeito aprendiz em relação a uma conduta de aprendizagem esperada. Será, portanto, o esclarecimento de uma queixa do próprio sujeito, da família e, principalmente da escola (WEISS, 2004, p.27)

Na execução do Diagnóstico Psicopedagógico procurou-se compreender de uma forma total, como o paciente percebe o aprender e, conseqüentemente, as dificuldades que está encontrando durante o processo, ou seja, as várias formas dos fatores que se apresentam interferindo e impossibilitando o desenvolvimento da aprendizagem.

Segundo Schiefer (200, p.67) reconhecem-se em qualquer tipo de diagnóstico, as seguintes fases: exploratória, descritiva, explicativa e prognóstica. Estas foram as variantes que procuramos observar na criança.

3.1 IDA A ESCOLA

A pesquisa inicialmente desenvolveu-se na visita a Escola Municipal, situada no bairro Jundiáí, na cidade de Anápolis. A escola municipal atende alunos do Ensino Regular Fundamental (6 a 7 anos), nos períodos matutino e vespertino, possuindo atualmente cerca de 286 alunos. A escola não é organizada por ciclos, apresentando atendimento educacional especializado (AEE), que utiliza recursos

pedagógicos para melhorar a acessibilidade e eliminar barreiras que impeçam a participação de alunos, considerando suas necessidades específicas.

Exemplo desses recursos, são os cursos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e do código BRAILLE, para alunos com deficiências, curso de uso da informática acessível e cursos para o desenvolvimento de processos mentais.

Do ponto de vista de acessibilidade, consideramos acessível às pessoas com deficiências motoras, tendo também em suas dependências dificuldades de acessibilidade.

Quanto a sua infraestrutura as salas de aula são confortáveis e próprias para o ensino fundamental, possui quadra de esportes e laboratório de informática com cerca de 18 computadores. Não possui laboratório de ciências nem biblioteca.

O primeiro contato na escola foi com a coordenadora pedagógica, entregando a documentação (Anexos) e marcando o retorno para entrevistas com a professora e observação da criança (paciente) no ambiente escolar.

No ambiente escolar percebe-se uma equipe comprometida com o desenvolvimento de atividades que possam promover o bem-estar dos alunos, demonstrando interesse na realização do estágio e pesquisa propostos.

3.2 – ENTREVISTA COM A PROFESSORA

A proposta de Sara Pain (1989, p.35) para uma primeira entrevista realizada com o professor do aprendente, ou com o próprio paciente, é estruturada em torno do motivo da consulta. Nesta sessão serão observadas as informações sobre o real, ou não, motivo de um encaminhamento e por quem, de que forma o problema é percebido, se é tido como próprio ou posto de fora.

Iniciada a entrevista com a professora logo após a aula, indagando sobre quais seriam os aspectos e fatores de dificuldade na aprendizagem do aprendente L.F.S.A. e quais seriam as queixas da Escola no seu desempenho.

A professora relatou dificuldade de aprendizagem, não internalizando o conteúdo aprendido, falta de atenção, não consegue intercalar nas sílabas as palavras, e não assimila o conteúdo.

O seu comportamento da criança é bastante introspectivo e emocionalmente triste, sendo muito calado, ansioso e inquieto, se relaciona razoavelmente, embora seja tímido sendo muito desatento e desinteressado na

realização das atividades normais curriculares. Estas dificuldades, principalmente de concentração, opera de forma contrária a assimilação do conteúdo pedagógico, distraíndo-se facilmente com qualquer coisa.

A professora acredita que houve problemas na alfabetização dada as dificuldades de leituras e escrita, pois troca e omite fonemas, não assimila frases inteiras. Ao contrário, na matemática, seu raciocínio lógico melhora consideravelmente seu rendimento, conseguindo, mesmo que de forma lenta, consegue resolver operações simples de adição e subtração.

Segundo o entendimento da professora, possivelmente problemas familiares contribuíram para a dificuldade na aprendizagem da criança, sendo o aspecto emocional, o possível problema em seu desenvolvimento de aprendizagem, porque as reações descritas pelos familiares demonstram um desprezo enorme pelo seu progresso de aprendizagem. O presente estágio, pesquisa e diagnóstico Psicopedagógico representa para a professora uma oportunidade de auxiliar o desenvolvimento do aprendente e melhorar o seu rendimento.

Realizada a entrevista, percebe-se na professora sua atenção as dificuldades de seu aluno, bem como, o seu interesse em seu desenvolvimento, tanto no aspecto pedagógico, melhorando o rendimento nas atividades de sala de aula, quanto, no aspecto emocional, favorecendo relacionamento que contribuam para sua saúde e crescimento.

3.3 OBSERVAÇÃO DA CRIANÇA NA ESCOLA

O diagnóstico psicopedagógico compreende uma estratégia investigativa com a finalidade de analisar o aprendente como um todo e como está o seu processo de aprendizagem, dentro destas análises, se encontra a de observar o sujeito aprendente em seu ambiente escolar.

3.3.1 Observação da criança na escola - sala de aula

Podia-se observar uma sala de aula organizada e limpa. Ao chegar à escola a criança estava alegre, cumprimentou seus colegas e ficou conversando até a chegada da professora. Quando a educadora entrou em sala cumprimentou a todos e a criança estava atenta no início da aula, prestando atenção nas atividades, porém,

no decorrer perde o interesse ficando disperso, participando pouco das atividades, distraíndo-se com desenhos que fazia em seu caderno. Queria chamar a atenção de alguns colegas para brincar o que fazia sua professora sentar-se próximo a ele para ajudá-lo.

A criança estava bem apresentável, uniforme limpo e passado, o seu material aparentemente bem organizado, porém, sua atitude aparentava desinteresse com a aula.

3.3.2 Observação da criança na escola – fora da sala de aula

O momento do recreio é supervisionado por funcionários da administração e coordenação, enquanto os educadores seguem para à sala dos professores para um momento de descanso. Na maioria das vezes as crianças lancham na sala antes de brincarem no pátio e quadra.

Observamos o aprendente brincando com alguns colegas, apesar de seu comportamento tímido.

3.4 ANAMNESE

Anamnese é a entrevista realizada pelo psicopedagogo com a família do aprendente com a finalidade de promover, neste caso, o diagnóstico da dificuldade de aprendizagem da criança. Uma técnica prática para relembrar os fatos relevantes que se relacionaram com o desenvolvimento da história do aprendente. De acordo com Weiss (2003, p.61), o objetivo da anamnese é “colher dados significativos sobre a história de vida do paciente”.

A análise da entrevista contribui na construção das hipóteses que podem determinar a direção da pesquisa e do trabalho de investigação. Para Stein (1997, p.94), nesta fase, da anamnese, percebemos nos relatos passados as informações importantes para a elaboração de um prognóstico que será empregado na análise do caso pesquisado.

Na entrevista com a mãe solicitamos que relatasse a história da criança, desde a gestação até o momento atual. Segundo relato da mãe, a gravidez ocorreu normalmente, sendo acompanhada pelo unidade básica de saúde de seu bairro (UBS-PSF), sendo o parto cesariano de gravidez completa e desejada, mesmo que não

planejada. A mãe comentou que durante a gravidez sofreu uma queda aos oito meses de gestação com choque no abdômen, porém, a mesma não viu gravidade no fato e não procurou atendimento médico especializado, nem relatou o ocorrido no pré-natal.

O nascimento ocorreu normalmente aos nove meses de parto cesariano, pesando 3,900 kilos com quarenta e nove centímetros. As primeiras reações foram normais e não houve qualquer implicação médica, saindo a criança do hospital no prazo estabelecido. Durante o seu desenvolvimento, não ocorreram problemas de saúde, sendo a criança perfeita e saudável. Não ocorreram fatos médicos de maior gravidade, acidentes ou cirurgias, não apresentando alergias, bronquites, ou problemas de visão e audição que os pais tenham percebido e procurado examinar. A criança também nunca sofreu desmaios ou convulsões.

Sua alimentação se desenvolveu dentro da normalidade, sendo amamentada até os 6 meses, porém, no decorrer do crescimento passou a apresentar certa dificuldade, não tendo interesse em se alimentar, sendo por muitas vezes forçada a comer e em outras recebe ajuda da mãe. O seu sono muitas vezes é agitado, em algumas ocasiões fala dormindo. Dorme sozinho em seu quarto e de vez em quando procura o quarto dos pais durante a noite.

Seu desenvolvimento psicomotor ocorreu normalmente sendo relatado apenas que a criança é um pouco desastrada, o que é normal pela idade, sendo exigido ajuda apenas para fazer as tarefas de escola. Não tem manias ou apresenta tiques de qualquer natureza.

Com relação ao desenvolvimento escolar a mãe relata a dificuldade de levá-lo, quando em cada oportunidade uma pessoa da família fica responsável, ora mães, avós ou tio. A criança não gosta de ir à escola, mesmo sendo bem aceita pelos amigos, nunca foi reprovada mesmo não gostando de estudar, não tem hábito de leitura e somente cumpre com as responsabilidades das tarefas que os professores passam se a mãe estiver por perto cobrando. Em alguns casos a mãe ajuda nas tarefas, tendo mudado de escola duas vezes por causa da distância. A criança tem bom aproveitamento na disciplina de matemática, porém, com dificuldades de leitura e escrita. Apresenta comportamento irrequieto e a sua principal dificuldade é quanto a escrita e leitura.

O desenvolvimento de sua linguagem ocorreu normalmente, usando as primeiras palavras com significados aos 7 meses, nunca apresentou gagueira nem trocou letras na dicção das palavras.

Quanto aos aspectos ambientais, a criança interage satisfatoriamente com os colegas e amigos, preferindo brincar com os amigos e geralmente com crianças menores, tem facilidade em fazer amizades, adapta-se facilmente ao meio, apresentando dificuldades apenas no ambiente familiar.

A mãe relatou que o pai é muito “nervoso”, não compreendendo as necessidades da criança. Em vários momentos e situações chega a repreensão física e psicológica, fato que constatamos no aspecto introspectivo e tímido da criança. Durante estas repreensões, tanto por parte do pai, quanto do irmão mais velho a criança é chamada de “burra”, fato que a faz se isolar ainda mais no convívio familiar.

A criança, segundo a mãe, quando chega em casa ao final da tarde, imediatamente pega o celular e fica isolada de todos. Quando são necessárias medidas disciplinares a mãe retira ou restringe o uso do celular, mesmo que a resposta da criança seja demorada.

Quanto às suas características emocionais e afetivo-emocionais a criança apresenta reações muito diferentes em relação ao ambiente em que está inserido. A mãe relata certa agressividade, inquietação, retração e desinteresse (desligada), ainda de acordo com ela, quando contrariada a criança responde agressivamente, chutando objetos ou pessoas, foge, saindo do local, se recolhendo no seu quarto.

Quanto as suas atividades, as preferidas são jogos digitais, sendo a sua rotina descrita como normal, acordando cedo, tomando o seu café da manhã para depois ir para a escola. Quando retorna, na hora do almoço, come e depois fica o restante do dia no celular brincando até o horário de dormir. As vezes vai até o quintal brincar com o cachorro e retorna para o celular.

Ao final da entrevista, quanto foi dada a oportunidade a mãe de questionar ou acrescentar algo, a mesma relatou a necessidade de aprender estratégias melhores para o desenvolvimento da criança, como atividades pedagógicas que ajudem a ocupar melhor o seu tempo.

Após a realização da anamnese, segundo os relatos da mãe compreendemos o ambiente familiar e observamos características de um sujeito epistêmico, desinteressado, cujo estágio de pensamento está abaixo das expectativas, apresentando dificuldades na estrutura cognitiva, hipoassimilativo, bastante tímido, e hipoacomodativo, apresentando dificuldades de estabelecer vínculos emocionais e cognitivos.

3.5 ENTREVISTA COM A CRIANÇA

Segundo Visca (1987, p.72) para a entrevista com a criança é uma ferramenta simples para a avaliação da aprendizagem e seu estágio, mediante a observação das atitudes, destrezas, mecanismos de defesas, ansiedades, áreas de expressão de conduta, níveis de operatividade, mobilidade horizontal e vertical e etc. Weis (2007), citando Visca, declara que na entrevista:

"Em todo momento, a intenção é permitir ao sujeito construir a entrevista de maneira espontânea, porém dirigida de forma experimental. Interessa observar seus conhecimentos, atitudes, destrezas, mecanismos de defesas, ansiedades, áreas expressão da conduta, níveis de operatividade, mobilidade horizontal e vertical etc". (p. 57).

Na entrevista com a criança, segundo seu relato, em casa, o que ela mais gosta de fazer é brincar com a sua cadela e o que menos gosta é acordar cedo. Faz suas tarefas após o almoço, recebendo ajuda do pai, da mãe e do irmão. Este último, é o que mais ajuda com os estudos, porém, a criança prefere a ajuda da mãe, explicando que o irmão normalmente o chama de "burro" quando encontra dificuldades com as tarefas já a mãe é mais compreensiva. Não recebe colega em casa e a única atividade que a família faz coletivamente é ir passear no Parque, muitas vezes somente na mãe acompanha a criança. Não saem todos juntos, e, aos finais de semana, permanecem em casa. Assim, resta à criança assistir televisão.

Na escola relatou os nomes de alguns amigos, preferindo brincadeira com atividade física, correr e jogar bola. A matéria preferida é Matemática e a que menos gosta Língua Portuguesa. Explicou que acha mais fácil fazer contas do que escrever, prefere escutar histórias à leitura. Seu programa preferido na televisão é "A Praça é Nossa", gosta também de música. Descreveu ter medo da escuridão por causa de filmes de terror que assiste na TV. Procura sempre a ajuda da mãe quando precisa.

Esta entrevista é um breve relato do comportamento apresentado pela criança durante a atividade, constatamos alguns aspectos relativos à temática, a dinâmica, ao produto e a dimensão afetiva e cognitiva do avaliado. Percebe-se que a criança mostra-se insegura e distraída, desinteressada e que seu desenvolvimento psíquico, a partir das avaliações Piaget, encontra-se no estágio pré-operatório quando ainda não apresenta um pensamento representativo a ponto de justificar seus raciocínios a outras pessoas, o que é um contrassenso, já que pela idade deveria estar num estágio seguinte, das operações concretas, quando o indivíduo torna-se

capaz de manipular mentalmente as representações internas e entender a perspectiva dos outros.

3.6 HORA DO JOGO

A utilização do lúdico como recurso terapêutico deu-se inicialmente através da psicanalista austríaca Melanie Klein (1882-1960) e da inglesa Anna Freud (1895 – 1982,) filha de Sigmund Freud, ambas especialistas em crianças. Elas introduziram o simbolismo do inconsciente do jogo como ferramenta terapêutica. Jean Piaget aplicava as técnicas do jogo em suas pesquisas sobre o desenvolvimento infantil, porém, Donald W. Winnicott, discípulo de Klein, que abordou o jogo como um recurso integrante do ato de aprender, Weiss (1997, p.13).

A psicóloga e psicopedagoga argentina, Sara Paín (1985), desenvolveu a técnica da Hora do Jogo, tratando-se de uma atividade lúdica onde observamos a dinâmica da aprendizagem e entendemos os processos cognitivos, modelos de aprendizagem e as relações vinculares, percebendo e interagindo com o aprendente.

Os objetivos dessa técnica são:

- verificar na criança a inter-relação que esta estabelece com o desconhecido e o tipo de obstáculo que emerge dessa relação;
- possibilitar uma leitura dos aspectos relacionados a função semiótica da criança, por meio de símbolos e verificar o nível dos processos acomodativos e assimilativos;
- fazer uma leitura dos conteúdos manifestos pela criança em relação aos aspectos afetivo-emocionais, relacionando-os com a aprendizagem. (p.95)

Na Hora do Jogo são utilizados materiais preponderantemente não figurativos. Colocam-se dentro de uma caixa, com tampa separável, elementos com as seguintes características : para desenhar, recortar, pegar, costurar, olhar, ler, escrever, caixas de diferentes tamanhos, para modelar, para juntar. Colocam-se diferentes elementos com mesmo fim, cola, durex, grampeador, furador, possibilitando o desdobramento se assim o sujeito quiser. Os papéis devem ser variados, tanto na forma como na cor e tipo. Além destes materiais ainda podemos colocar lápis de cor, canetinhas, lápis, massa de modelar, pedaços de madeiras, materiais recicláveis, etc. Os materiais não precisam ser novos e caixa normalmente se coloca no chão sobre um tapete, mas não significa que não se possa colocar sobre uma mesa.

Na Prova “Hora do Jogo” a criança manteve a postura tímida sem explorar os materiais que envolvia o conhecimento formal. Durante todo o processo de avaliação quando se propunha alguma atividade à criança, a mesma mantinha a atenção, o que difere do que foi dito na queixa da escola, porém, sem interesse.

3.7 PROVAS OPERATÓRIAS PIAGETIANAS

A aplicação das provas operatórias piagetianas possibilita o diagnóstico das estruturas cognitivas e conhecimento do desenvolvimento delas, conforme a perspectiva construtivista, fundamental para educadores, uma vez que baseado neste entendimento, torna-se possível organizar metodologias pedagógicas condizentes com a estrutura de pensamento do aprendente, pois as respostas dos sujeitos, corretas ou não, revela a construção que possui, e, enfatizam seu estágio cognitivo.

Em conformidade com as Provas Operatórias Piagetianas, no que se refere à Prova de Seriação, o educando revelou certa compreensão na Seriação, levando-se em conta a construção de escala na parte superior da linha horizontal.

Na Prova de Inclusão de Classes apresentou ausência de quantificação de inclusão, se mostrando incapaz de comparar o número de elementos de sub-classes com o de uma classe mais geral. Na prova de Interseção de Classes, manteve o mesmo resultado insatisfatório, demonstrando fraco desempenho na base do processo ensino-aprendizagem, com baixo êxito e defasagem na idade/série.

3.8 PROVAS PROJETIVAS

A partir dos estudos de Pain (1992, p.33) as provas projetivas auxiliam a análise e compreensão do sujeito com o processo de aprendizagem. A metodologia das provas projetivas, pressionam também ao paciente uma situação de resolver através da construção na fantasia ou na representação uma mais relacionada com a imagem, a outra com assimilação simbólica, lúdicas e verbalizadas. O resultado das provas, permitem a investigação da capacidade de pensamento para construir no relato ou no desenho.

Conforme Escott, (apud, OLIVEIRA 1994, p.23):

[...] a maneira como a uma criança brinca ou desenha reflete sua forma de pensar ou agir, nos mostrando, quando temos olhos para ver, como está se

organizando frente a realidade, construindo a sua história de vida, conseguindo interagir com as pessoas e situações de modo original, significativo, prazeroso ou não.

Estas técnicas contribuem para a compreensão do desenvolvimento da criança baseado em seu diagnóstico e, também para o encorajamento de ações propositivas a fim de superar suas dificuldades.

Visca (2008, p.51) considera que a utilização das Técnicas Projetivas Psicopedagógicas permitem a análise do vínculo que o aprendente demonstra com a aprendizagem, e também, a relação com os colegas de sala, o educador, além das demais pessoas que interagem no ambiente externo escolar, incluindo-se ainda, até a relação que o indivíduo aplica a si mesmo.

3.8.1 Par educativo

O Teste Projetivo Par Educativo tem a finalidade de analisar a relação professor-aluno através de desenhos, conversas e textos, quando se possibilita verificar se o aprendente criou alguma relação com o seu ensinante, ou seja, se estabeleceu-se vínculo no âmbito escolar. Para Chamat (2004, p.14) “obtem-se uma produção gráfica e verbal permitindo uma análise do conteúdo latente e manifesto da relação do sujeito com a aprendizagem e com quem a proporciona”.

Durante as provas projetivas, de acordo com Sakai (2012, p.33), afirma que o aprendente revela sem intenção explícita os relacionamentos que desenvolveu com o seu educador, demonstrando as vantagens e desvantagens deste vínculo estabelecido, bem como, analisar as dificuldades que a aprendizagem vem enfrentando.

Entreguei a folha de ofício, um lápis e uma borracha e pedi que ele desenhasse duas pessoas. Uma pessoa que ensina e outra que aprende. Pedi que quando terminasse me avisasse. Quando terminou o Teste Projetivo Par Educativo a cena desenhada revelou fragmentação escolar, características de posição, inferior/esquerdo, impulsividade/regressivo.

O tamanho da figura do ensinante grande indicando uma supervalorização deste, o que em alguns casos sugere perseguição. Os corpos dos personagens,

inacabados ou em forma de bastão, indicando imaturidade ou significando agressão oculta a quem se ensina.

A posição lado a lado regula o vínculo de aprendizagem. Associou a figura do ensinante à mãe por causa da forma do desenho ser em bastão e não dispôs a sala como uma planta, o que indica imaturidade do educando. Estas dificuldades não contribuem para a circulação do conhecimento. Não conseguiu escrever sobre o desenho, faltando também o título, denotando pouco vínculo com a aprendizagem. Ver Anexo.

3.8.2 Família Educativa

Entreguei outra folha de ofício e a criança começou a desenhar sempre bem pequenininho. Questionei a criança quem ela havia desenhado e ela respondeu: “Meu cachorro”.

Analisando a Prova Projetiva Família Educativa o educando não demonstrou ter vínculo afetivo satisfatório em virtude de o desenho apresentar apenas a figura de um animal (cachorro) o que sugere vínculo de importância com o mesmo, e não com a sua família, corroborando com os relatos de seu isolamento. Esta é a representação da cena descrita apenas com um cachorro, Anexo 2.

Percebemos, também, nos grafismos do desenho a diminuição dos espaços utilizados, projetando cenas extremamente pequenas em relação ao tamanho da folha. Entendemos que estes desenhos diminutos sugerem entraves em seu desenvolvimento integral, de acordo com Visca (2008, p.63). Há traços arredondados no desenho, estão mais relacionados à afetividade, ao subjetivo.

3.8.3 Eu e Meus Companheiros

Esta técnica analisa a relação da criança consigo mesma. Pedimos que desenhasse ela em sua sala de aula. Entreguei outra folha de ofício e a criança começou a desenhar somente as carteiras da sala.

Quanto a “Prova Eu e Meus Companheiros”, os aspectos que se destacaram dizem respeito à fraca concepção espacial. A folha ficou praticamente em branco, utilizando-se pequeno espaço com características de posição, inferior/esquerdo, o que pode significar imaturidade, como já relatado: “uma

supervalorização deste, o que em alguns casos sugere perseguição, corpos inacabados ou em forma de bastão, indicam imaturidade ou significam agressão oculta a quem se ensina”, segundo Klein (1997, p.156).

3.8.4 Quatro Momentos de Um Dia

Esta técnica visa observar a relação da criança no espaço familiar físico humano.

Entreguei outra folha de ofício, antes, dobrando-a em quatro partes e pedindo a criança que desenhasse os momentos de seu dia, desde a hora que acorda, até a hora que vai dormir. Logo em seguida a criança começou a desenhar e fragmentou a folha em partes menores para descrever mais momentos importantes do seu dia.

Em relação a “Prova os Quatro Momentos de Um Dia”, apresentou aspectos muito dispersos em relação a proposição da atividade. Não houve compreensão da divisão de um dia em quatro momentos distintos, pois a criança, dividiu um momento em duas ações, ou seja, assim que começou a desenhar no canto esquerdo superior apresentou dois momentos distintos, com dois campos geográficos da cena, apresentando o momento que acorda, sozinho, e quando toma café, também sozinho.

A confusão criada dividindo-se a cena em dois momentos pode indicar que o ambiente povoado de atividades, subverte a interioridade do sujeito, causando aspirações e frustrações dada a solidão. Este aspecto repete-se nas demais cenas, quando no quadro seguinte, que seria o segundo momento, dividiu também em duas cenas, andando de sua casa até a casa de um amigo, tocando a campainha e chamando-o para brincar.

Os detalhes apresentados, com relação aos tipos de traço, minúcias, apresentando a campainha, a calçada e a frente da casa do amigo, podem também indicar a sobrecarga de objetos e a necessidade de interações relacionais, complementares, justificando a primeira cena apresentada onde sempre aparece sozinho. A sequência de cenas divididas é quebrada pelo terceiro momento, quando descreve apenas uma cena dele, brincando com o colega, andando de bicicleta, que pode significar um profundo prazer na atividade.

O quarto e último momento, corrobora com a nossa avaliação, pois novamente, foi fragmentado em duas cenas distintas, reiterando na primeira cena, a presença do amigo, despedindo-se dele, sendo o momento final, quando vai para cama apresenta-se em dois desenhos de si mesmo.

3.9 PROVAS PEDAGÓGICAS

As prova pedagógicas objetivam a investigação da criança no que se refere as suas habilidades de assimilação de conteúdos e como aplica os conhecimentos já adquiridos diante das diversas situações escolares.

Quanto ao aspecto Pedagógico observou-se que o educando reconhece o alfabeto, porém, no aspecto da leitura não consegue fazer a junção das sílabas simples e conseqüentemente das palavras. Sua escrita está em nível pré-silábico, no formato bastão, não conseguindo adequar-se ao formato cursivo. No discurso oral o educando tem melhor desempenho, porém pronunciando as palavras com valor sonoro demasiadamente lento.

O educando não apresenta condições mínimas de escrita básica, demonstrando atraso de alfabetização no que se refere à análise-síntese, esquema, corporal, lateralidade, posição, direção e espaço, e, principalmente, no que tange a dificuldade de noção de tamanho, quantidade e formas geométricas e ainda na discriminação auditiva, pois não consegue completar as palavras, pelo que pudemos observar, nas provas aplicadas.

A criança apresenta, em contrapartida, relativo resultado no raciocínio lógico, reconhece todos os números e sabe desenvolver cálculos simples de adição e subtração, e divisão e multiplicação com certa dificuldade o que demonstra a baixa qualidade ou a não compreensão nos primeiros anos de aprendizagem. O relativo sucesso na síntese do pensamento matemático, também demonstra que a criança tem potencial para desenvolver melhor o seu aprendizado, contrariando o relatado pela família, apesar dos insistentes comentários familiares com palavras que menosprezam sua capacidade intelectual.

INFORME PSICOPEDAGÓGICO

I – Identificação:

Educando L.F.S.A. de 9 anos e 11 meses, aluno da 3^a. Série

II - Motivo do Encaminhamento:

- Queixa da Escola: Dificuldade de aprendizagem, não internaliza o conteúdo aprendido, falta de atenção, não consegue intercalar as sílabas nas palavras e não assimila o conteúdo.
- Queixa da Família: Falta de interatividade no ambiente familiar, introspecção excessiva, dificuldade de relacionamento e de aprendizagem, não assimila o que é ensinado em casa.

III – Período de Avaliação:

30/02/2018 a 27/04/2018 – 08 sessões

IV – Instrumento de Avaliação:

- Anamnese;
- Entrevista com a professora e educando;
- Provas Pedagógicas;
- Testes Projetivos;
- Provas Operatórias Piagetinas;
- Hora do Jogo;
- Jogos Diversos.

V – Dados Relevantes da Anamnese:

A criança é o segundo filho do casal, apresentando comportamento solitário, disperso e irrequieto. Não estabelece vínculo familiar, uma vez que, a família não aparece em sua rotina, não tem dificuldade de relacionamento com colegas do ambiente escolar e vizinhos.

Seu desenvolvimento psicomotor ocorreu normalmente sendo relatado apenas que a criança é um pouco desastrada, o que é normal pela idade, sendo

exigida ajuda apenas para fazer as tarefas de escola. Não tem manias ou apresentações de qualquer natureza.

Com relação ao desenvolvimento escolar a mãe relata a dificuldade de levá-lo à escola, quando em cada oportunidade uma pessoa da família fica responsável, ora mãe, avós ou tio.

Quanto às suas características emocionais a criança apresenta reações muito diferentes em relação ao ambiente em que está inserido. Na escola, seu comportamento não denota qualquer interesse, ficando distraída e alheia a tudo; em casa, o comportamento é muito introspectivo, sendo relatado que a criança chora muito durante as tarefas de casa.

VI - Atitude em Atividades:

Durante o processo avaliativo a criança apresentou-se tranquila, amável, tímida, cooperativa e participativa. Em relação aos jogos assistemáticos a criança não demonstrou interesse, nem curiosidade, completando os jogos apenas para atender a atividade e a solicitação da terapeuta, demonstrando ser uma criança submissa. Na Prova “Hora do Jogo” a criança manteve a postura tímida sem explorar os materiais que envolvia o conhecimento formal. Durante todo o processo de avaliação quando se propunha alguma atividade à criança, a mesma mantinha a atenção, o que difere do que foi dito na queixa da escola, porém, sem interesse. Demonstrava também certa ansiedade com o final da tarefa para se desvencilhar do convívio social. Aparentemente não apresentava dificuldade com as tarefas até a “Prova Pedagógica”, quando se notou seu fraco desempenho na leitura e escrita. Apesar de manter bom vínculo afetivo com a terapeuta, não demonstrou interesse no conhecimento formal sistematizado, querendo terminar as propostas de trabalho aplicadas.

VII – Parecer Psicopedagógico

A criança foi avaliada por apresentar “dificuldades relacionadas à leitura e a escrita”.

Sua modalidade de aprendizagem sugere uma tendência hiperacomodada, pois apresenta déficit lúdico e criativo, é submissa e passiva, com inclinação a reproduzir o conhecimento, não revelando iniciativa ou criatividade. Esses dados foram percebidos, sobretudo, na Hora do Jogo. Não observamos interesse na

proposição da atividade, atendendo as solicitações da atividade, com o único intuito de terminar logo a avaliação.

Diante dos dados observados, embora apresente defasagem idade/série, confirma-se em parte as queixas da escola e da família, revelando, porém, que o educando tem potencial a ser desenvolvido, em função, seu desempenho de raciocínio lógico. Necessita, entretanto, de ser estimulado e incentivado.

VII – Encaminhamentos

Encaminha-se a criança para continuidade nos atendimentos de intervenção na:

- Psicopedagogia;
- Apoio pedagógico.

VIII – Plano Terapêutico:

Para o Educando:

- Ressignificar a aprendizagem formal sistematizada através de atividades lúdicas e jogos para o desenvolvimento de habilidades cognitivas no que se refere à linguagem oral e escrita;
- Propiciar o desenvolvimento sócio afetivo com atividades lúdicas que apontem para ressignificação dos vínculos afetivos.

Para a Família

- Encorajá-lo sempre, reforçando os avanços evitando críticas e repreensões;
- Estabelecer rotinas diárias de realização de atividades escolares;
- Favorecer a leitura (através da aquisição de gibis, livros literários de assuntos de interesse);
- Aquisição de jogos para o favorecimento da interação familiar;
- Promover ambiência no seio familiar com a construção de jogos.

Para a Escola:

- Realizar junto ao coletivo de educadores um trabalho pedagógico utilizando material concreto, jogos, atividades desafiantes e prazerosas na tentativa de sanar as dificuldades diagnosticadas;
- Priorizar atividades que desenvolvam a atenção, concentração e memorização por meio da construção de jogos, mosaicos, quebra-cabeça e material dourado para trabalhar noções de planejamento, estratégias com vistas ao favorecimento de raciocínio, a fim de estimular e facilitar a construção da aprendizagem;
- Proporcionar reforço individualizado;
- Realizar atividades em duplas e em pequenos grupos;
- Trabalhar o conteúdo sistematizado de acordo com o nível de aprendizagem da criança.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio clínico contribui para uma compreensão profunda das teorias Psicopedagógicas, auxiliando com certa facilidade a ligação entre teoria e prática. Pudemos perceber a importância dos postulados da Psicopedagogia Clínica no diagnóstico a partir das pesquisas e dos levantamentos de dados que apresentaram as dificuldades de aprendizagem. Desta forma, a pesquisa representa, uma ruptura com velhos paradigmas pedagógicos e uma oportunidade do desenvolvimento tanto da pesquisa, quanto da postura, do profissional.

Estas novas práticas proporcionam uma experiência única e produtiva: o conhecimento que nossa contribuição enquanto psicopedagoga pode ser muito maior e mais satisfatória pelos resultados positivos em relação ao aprender.

A hipótese diagnóstica é uma reestruturação de dados e suas relações de modo a obter-se uma percepção realista e precisa do paciente, frente as questões de aprendizagem, bem como, as dificuldades enfrentadas. Desta forma, a hipótese diagnóstica direciona a elaboração do plano de intervenção Psicopedagógica, que em muitos casos direciona os pacientes para outros profissionais, dependendo de cada situações específicas.

Após a análise elaborada a partir das hipóteses observadas no diagnóstico Psicopedagógico, pode-se afirmar que, a modalidade de aprendizagem do educando L.F.S.A, é hipoassimilativo e hipoacomodativo, apresentando dificuldades de estabelecer vínculos emocionais e cognitivos.

Diante da atividade da hora do jogo, destacou-se que a função simbólica do educando, apresenta estar no estágio de construção, evidenciando esquemas empobrecidos, mediante uma postura tímida sem explorar os materiais que envolvia o conhecimento formal.

Em análise as técnicas projetivas e operatórias, verificou-se que o educando está em processo de construção das suas noções de espaço e tempo e que apresenta rupturas no vínculo com a aprendizagem. Evidencia-se, ainda, não ter construído a noção de conservação e reversibilidade. Concluindo-se que o educando indica raciocínio lógico correspondente ao estágio pré-operatório, em virtude das oscilações apresentadas nas provas.

Quanto a Avaliação Pedagógica, observou-se que o educando reconhece o alfabeto, porém, no aspecto da leitura não consegue fazer a junção das sílabas

simples e conseqüentemente das palavras. Sua escrita está em nível pré-silábico, no formato bastão, não conseguindo adequar-se ao formato cursivo. No discurso oral o educando tem melhor desempenho, porém pronunciando as palavras com valor sonoro demasiadamente lento.

Nas avaliações psicomotoras, percebe-se que o educando tem certa dificuldade no desenvolvimento da noção de esquema corporal. Para as análises do conhecimento Lógico-Matemático notou-se um melhor rendimento, porém, ainda tímido, não tendo construídas as estruturas operatórias de conservação e reversibilidade.

Concluimos o curso e o estágio certos e convictos que as aprendizagens e as teorias que tomamos conhecimento, agregaram muito em nosso desenvolvimento como profissional e serão pilares importantes no decorrer de nossa vida.

A Psicopedagogia transforma nossa percepção do sujeito aprendente e nos liga fortemente a vocação escolhida. Desta forma o trabalho aqui proposto, não busca somente apresentar um “estudo de caso”, mas o quanto contribuiu para o nosso crescimento profissional.

6. BIBLIOGRAFIA

- BOCK, Ana; FURTADO, Odair; TRASSI, Maria. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologias**. 14^a. ed. São Paulo: Saraiva editora, 2008.
- BOSSA, Nadia Aparecida. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.
- BOSSA, Nádía. **Aprendizagem Humana**. Casa do Psicólogo. 2006
- BOSSA, Nádía. **Dificuldades de Aprendizagem – O que são? Como tratá-las?**. Artmed. 2000
- BRASIL, LDB, **lei de diretrizes e bases da educação brasileira**, Secretaria de Educação Fundamental. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>, acesso em: 17 nov. 2017.
- BRASIL, PCN'S, **Parâmetros Curriculares Nacionais, Secretaria de Educação Fundamental**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> acesso em: 17 nov. 2017.
- BUARQUE, Aurélio Holanda. **Mini Aurélio: O minidicionário da língua portuguesa**. 5^a ed. Nova Fronteira Editora, 2004.
- CAMARGO, Edison. **O conceito de pesquisa documental**. 2008. Disponível em: <http://pesquisadocumental.blogspot.com.br/p/o-conceito-de-pesquisa-documental.tml> acesso em: 19 nov. 2017.
- CALDAS, Aulete. **Dicionário Escolar da língua Portuguesa**. 3^a. Ed. Lexikon Editorial. 2012
- CARDOSO, A.R. **Escola e pais separados: uma parceria possível**. Curitiba: Juruá, 2009. p. 66-94.
- CARVALHO, P. E. M. **Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família- escola**, **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 94-104, jan./ abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a08.pdf> >. Acesso em: 07 nov. 2017.
- CARVALHO, P. E. M. **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero**, UFPB, **Cadernos de pesquisa**, n. 110, p. 143-155, jul. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/n110/n110a06.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2017.
- CHAMAT, Leila Sara José. **Técnicas de Diagnóstico Psicopedagógico: o diagnóstico clínico na abordagem interacionista**. 1. Ed. Vetor. 2004.

- GENTILE, Paola. NOVA ESCOLA. **Parceiros na aprendizagem**. São Paulo: Abril, julho/2006. HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- GUZZO, R. S. L; TIZZEI, R. P. **Olhar sobre a criança: perspectiva de pais sobre o desenvolvimento**. In: GUZZO R. S. L, et. **Desenvolvimento infantil: família, proteção e risco**. Campinas, SP: Alínea, 2007.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa – Novo**. 1ª. Ed. Objetiva. 2009
- KIGUEL, Sonia Moojen. **Reabilitação em Neurologia e Psiquiatria Infantil – Aspectos Psicopedagógicos**. Congresso Brasileiro de Neurologia e Psiquiatria Infantil – A Criança e o Adolescente da Década de 80. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Abenepe, vol. 2, 1983
- KLEIN, Melaine. **A Psicanálise de Crianças**. Imago. Rio de Janeiro. 1997.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MARTINES, Silvana; FELIZARDO, Silvia. **Psicopedagogia e Realidade Escolar: O problema escolar e aprendizagem**. 15ª. Ed. Petrópolis. Vozes. 2004
- MTS / SEEF (1999a), **Metodologia de Avaliação de Intervenções Sociais**, Lisboa, IEFP/IGFSS MTS / SEEF (1999b), **Diagnóstico Social**, Lisboa, IEFP/IGFSS
- OLIVEIRA, L. P. **Uma relação tão delicada**: a participação da família no processo de aprendizagem de crianças do ensino fundamental de 1º a 4º série e classes de alfabetização: Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Pedagogia), Universidade da Amazônia, Belém, 2001. Disponível em: <http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/RELACAO_DELICADA.pdf>, Acesso em: 8 nov. 2017.
- PAIN, Sara. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**. 4. ed. Porto Alegre, RS: Artes Medicas Sul, 1992.
- PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais**. [s.l.]: Xamã. 126 p. Revista MUNDO JOVEM nº 308 junho/2000. Revista MUNDO JOVEM nº 323 Fevereiro/2003.
- PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento de problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1985

- PERES, Maria Regina. **Psicopedagogia: aspectos históricos e deságios atuais**. In: **Revista de educação**. PUC-Campinas, v3, n.5, novembro 1998.
- PIAGET, J. **Problema de psicologia genética**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.
- ROCHA, S. C; MACEDO, R. C. **Relação família e escola**. Trabalho de conclusão de curso, (graduação em pedagogia), Universidade da Amazônia, p. 8-53, nov. 2002. Disponível em: http://www.nead.unama.br/Site/bibdigital/monografias/relação_família_&_escola.pdf.
- RUBINSTEIN, E. Rumos da Psicopedagogia brasileira. In:II Fórum Psicopedagógico. Debate Nacional – **As dificuldades no aprender e o aprender das dificuldades**. Rumos da Psicopedagogia no Brasil, São Paulo, 2004.
- SAKAI, Joana et al. **Desempenho escolar e a relação professor-aluno por meio do teste do par educativo**. Boletim de Psicologia, v. 62, n. 137, 2012
- STEIN, Ernildo. **Anamnese: a filosofia e o retorno do reprimido**. Porto Alegre: EDIPUCRS,1997
- SILVA, Katia Cilene. **Introdução a Psicopedagogia**. Curitiba, intersaberes, 2012, p. 70.
- SCHIEFER, Ulrich. **MAPA - Método Aplicado de Planejamento e Avaliação - Manual de Planejamento de Projetos**, Mem Martins, Editorial do Ministério da Educação. 2000
- WEISS, Maria Lucia Lemme. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro DP&A, 2004. 10 ed.
- WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

